



JOVENS EVANGÉLICOS MORADORES DE FAVELAS: ALGUMAS EXPRESSÕES DE SUA SOCIABILIDADE NA CIDADE DE CAMPOS DO GOYTACAZES - RJ

Wania Amélia Belquior Mesquita* e Naiana de Freitas Bertoli**

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de base qualitativa sobre o modo de vida urbano de jovens evangélicos moradores de favelas da cidade de Campos dos Goytacazes—RJ. A partir do levantamento de dados, foi possível situar algumas dimensões constitutivas do modo de vida desses jovens. Como moradores de favelas da cidade, eles sofrem discriminação por habitar áreas associadas à miséria, violência e criminalidade. Quando necessitam frequentar espaços públicos – tais como o espaço cultural popular de lazer, hospitais e cemitério –, evitam identificar o seu lugar de moradia como medida de precaução a possíveis represálias de agentes ligados à criminalidade violenta do tráfico de drogas, que controlam algumas favelas, demarcando, assim, os espaços da cidade a partir da proximidade com essas localidades. Observadas certas reservas morais em vivências na cidade, outras redes proximais, como as da escola, são igualmente valorizadas por possibilitar a frequência às casas de shows, bares ou ambientes relacionados às paqueras e namoros com jovens não evangélicos.

Palavras-chave: Juventude. Religião. Favela.

Favela dweller evangelical youngsters: some expression of their sociability in the city of Campos dos Goytacazes - RJ

Abstract: This paper aims to present the results of a research on the urban way of life of young evangelical favela dwellers in the city of Campos dos Goytacazes - RJ. From the survey data, it was possible to locate some constitutive dimensions on these young people way of life. As residents of the city favelas, these young people suffer discrimination because they live in areas associated with poverty, violence and criminality. When they need to attend public spaces - such as the popular leisure cultural space, hospitals and cemeteries – they avoid identifying their dwelling place as a precautionary measure against reprisal from agents who are linked to violent criminality of drug traffic that controls some favelas; marking the city spaces in proximity to these locations. Apart from certain moral deprivation experienced in the city, other proximal networks - such as the ones from schools - are equally valued as they allow the frequency in boites, bars or environments related to flirtation and dating with non-evangelical youngsters.

Key words: Youth. Religion. Favela.

* Doutora em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) e docente associada da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF).

** Mestre em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF).

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno da presença das igrejas e grupos evangélicos nas favelas da cidade de Campos dos Goytacazes¹, – RJ compreende uma análise que deve considerar a diversidade de igrejas e os tipos sociais da população que compõem estas denominações religiosas. O termo evangélico adotado no contexto da pesquisa refere-se analiticamente às doutrinas cristãs protestantes e como uma categoria nativa presente entre cinco jovens moradores de favelas de Campos dos Goytacazes.

A pesquisa integra um estudo mais amplo² e focaliza a sociabilidade e o modo de vida urbano de jovens evangélicos. A base empírica da pesquisa contou com entrevistas semiestruturadas com jovens de 15 a 25 anos, como também relatos cotidianos elaborados por eles, com uso de *netbook*, além de conversas informais com a equipe da pesquisa em torno dos relatos e grupo focal realizado na fase final da pesquisa.

Uma das dimensões de análise da pesquisa é voltada para a compreensão da participação religiosa de jovens evangélicos, implicando ainda o entendimento da problematização da juventude³ e religião “como um dos aspectos que compõem o mosaico da grande diversidade da juventude brasileira” (NOVAES, 2008, p. 263). No caso dos jovens pesquisados, nos orientamos por um sentido de juventude a partir de seus pontos de vista. A bibliografia e a abordagem sobre o conceito/categoria juventude apresentados no contexto da pesquisa constituem muito mais um recurso à compreensão da problemática teórica do que a sua adequação empírica. Nesse processo houve a valorização dos sentidos de ser jovem e evangélico mediante os enfrentamentos de diversos problemas sociais.

Dessa forma, visamos compreender como o jovem morador de favela da cidade de Campos dos Goytacazes, em algum momento da vida, vivencia uma experiência religiosa evangélica que pode levar à sua adesão e conversão denominacional. Neste sentido, o foco do estudo direciona-se a jovens membros de igrejas consideradas históricas e

pentecostais.

Alguns estudos indicam uma maior concentração de igrejas pentecostais em áreas mais pobres da cidade (MARIANO, 2010). O entendimento dos problemas sociais das favelas de Campos dos Goytacazes reflete a história desta cidade. O cotidiano dos habitantes das favelas dessa cidade evidencia a convivência entre pobreza e riqueza em relação aos espaços sociais da cidade e os seus problemas sociais e de urbanização. Consideradas algumas singularidades, pode-se indagar sobre determinadas semelhanças entre cidades de médio porte, como Campos dos Goytacazes, e outras cidades brasileiras em relação à formação e desenvolvimento, com intensa segregação socioespacial, que acabou sendo imposta às camadas mais pobres das cidades, deficientes em infraestrutura e em serviço públicos (OLIVEIRA; PEDLOWSKI, 2012). A cidade de Campos dos Goytacazes é fragmentada em diversos territórios e estes estão em constantes classificações como lugares perigosos ou seguros, fortemente associados a sua ocupação em relação à classe social.

Na cidade de Campos dos Goytacazes é possível verificar, conforme os dados estatísticos do IBGE 2000 e 2010, que os evangélicos representam 20,79% da população em 2000 e 31,06% em 2010. Os evangélicos de origem pentecostal representavam 9,36% da população evangélica em 2000 e 14,72% em 2010. E ainda a Assembleia de Deus (AD) representava 3,91% em 2000 e 7,19% em 2010. Logo, pode-se observar que também na cidade de Campos é expressivo o aumento da população evangélica de forma geral, sobretudo os pentecostais da AD, que praticamente dobraram em uma década. Dessa forma, é possível afirmar que a AD é a igreja mais expressiva dentro do grupo evangélico de Campos, seguida pela Igreja Batista, com 32.500 membros, e pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), com 14.739 membros. Assim, observa-se nessa cidade que o pentecostalismo continua em expansão, acompanhando uma tendência nacional.

O crescimento das igrejas evangélicas, principalmente pentecostais, tem provocado mudanças

lentas e irreversíveis em diferentes setores da sociedade. Por sua vez também continua alcançando majoritariamente os segmentos mais desfavorecidos da população. Este crescimento tem se dado em um contexto de liberdade, tolerância, pluralismo e concorrência religiosa. O pentecostalismo se faz presente em diversos estratos sociais, entretanto, como indicado anteriormente, é nos segmentos mais empobrecidos da sociedade que ele se dá de forma mais expressiva (MARIANO, 2004).

Nesse sentido, pesquisas qualitativas realizadas em favelas da cidade de Campos dos Goytacazes (MESQUITA, 2008) constatam um acentuado número de denominações evangélicas nestes territórios, que possuem características heterogêneas demográficas e socioeconômicas. (VALLADARES, 2005; ZALLUAR; ALVITO, 2006; PANDOLFI; GRYSZPAN, 2003).

A rápida expansão de igrejas evangélicas nas favelas de Campos dos Goytacazes constituiu um fenômeno social, como outras tantas denominações religiosas surgidas em áreas periféricas da cidade. Entretanto, tal fato pode ser compreendido se considerarmos o contexto e o modo de vida dos seus moradores e a relação que estabelecem com estas igrejas, especialmente ao fato de que esses grupos atenderiam às necessidades particulares destes segmentos da população (MESQUITA, 2009), correspondendo a certas relações que deveriam ser interpretadas como estratégias sociais, utilizadas a fim de lidar com os problemas cotidianos relacionados com a precariedade dos serviços públicos, a violência cotidiana do tráfico, as ações policiais, a restrição de acesso à cidade, o estigma e o não reconhecimento como integrantes da cidade pelos de fora das favelas (VALLADARES, 2000).

2 NOTAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA

O contato com os jovens foi estabelecido a partir de situações de pesquisas anteriores com seus familiares ou membros de igrejas que frequentam. No início da pesquisa foi acordado com os jovens que eles escreveriam duas vezes por semana de

acordo com o seguinte roteiro: o que ele fez de mais importante/interessante no dia; e sobre outros dias da semana, destacando alguns temas como: família; vizinhos; amigos; casamento/namoro/pegação; lazer; trabalho; escola. Durante seis meses mantivemos contato apenas por *e-mail* e telefone, dando início posteriormente às entrevistas semiestruturadas ou realizadas em lugares definidos por eles.

Cada jovem utilizou o diário de forma diferente, e a partir das suas narrativas foi possível compreender um pouco da vida de cada um. O que os jovens escrevem e posteriormente contam em entrevistas são histórias pautadas na vida de cada um, nas suas experiências de vida, nas imagens que determinada maneira lhes fazem sentido. A proposta de elaboração dos diários foi apresentada como expressão de suas vivências por meio da escrita eletrônica e envio pela internet. Os escritos dos diários muitas vezes deixavam de tocar em alguns assuntos considerados pela pesquisa, talvez por receio de serem escritos, ou por realmente fazerem uso desse diário de maneira pessoal, como um canal de desabafo sobre suas angústias e aflições. Por isso, as entrevistas semiestruturadas ocorridas cerca de seis meses após a entrega e a leitura dos diários constituíram peças fundamentais para a compreensão e interpretação das vivências cotidianas dos jovens.

Na fase final da pesquisa foram realizados encontros com os jovens por meio da técnica de grupos focais. A opção por essa técnica foi baseada no entendimento de que essa dinâmica com os jovens produziria evidências relevantes à tipificação das tendências dos quadros cognitivos, morais, estéticos etc., que orientam as ações dos participantes, sendo possível identificar determinada referência de comunicação entre jovens evangélicos moradores de favelas de Campos dos Goytacazes.

3 JUVENTUDE E SOCIABILIDADE EVANGÉLICA

Uma das melhores formas de compreender os jovens é a partir dos seus espaços sociais (ANDRADE, 2005). Neste contexto os eventos religiosos e os cultos são alguns dos espaços sociais por eles frequentados

e onde criam novos laços de sociabilidade, desta forma interferindo na construção de identidade e na “visão de mundo”.

Algumas práticas consideradas por determinadas igrejas e lideranças religiosas como “mundanas” são entendidas por alguns jovens como não problemáticas à adesão e a determinados vínculo religioso, dado o seu entendimento sobre a condição de “jovem evangélico”. Fred, um dos jovens, por exemplo, relata que continuou a jogar futebol, a assistir ao jogo de seu time em bares com os amigos, sem fazer uso de bebida alcoólica da mesma forma que antes da “conversão”, mas passou a “saber” como estar/frequentar estes ambientes, onde muitas pessoas bebem e têm atitudes incoerentes com sua “nova vida”, sem ser influenciado, assim como em outras práticas “mundanas”. Ele relatou que antes da “conversão” tinha medo de se envolver com essas “práticas”.

Segundo os jovens eles preferem estar na igreja por uma escolha e desta forma as práticas religiosas passam a ser vistas como formas de lazer e entretenimento. Para Abramo (1997) o lazer representa um dos pontos mais importantes na vida dos jovens. As atividades religiosas são destacadas como momento de lazer, conjugadas ao “tempo livre”, como ir à praia, assistir televisão e jogar bola.

Para alguns, a participação em acampamentos, encontros religiosos e ensaios musicais vai além da “curtição”, pois implica compromissos a partir dos vínculos com a igreja.

Eu e as outras Mensageiras do Rei fazemos apresentações de danças em vários lugares, até em outras cidades, é bem legal, a gente dança muito e se diverte, dessa forma a gente evangeliza. (Mellysse, diários).

Legal é quando tem acampamento de Deus; a gente pode se divertir e rezar, tem um sítio do cara, lá, fiel da igreja, mas só tem música de Deus. Antes do batismo eu ainda cantava outras músicas, dançava, sem ser música evangélica, mas agora não. (Thayla, entrevista).

A ocorrência dessas atividades muitas vezes se dá

nas proximidades dos lugares da moradia dos jovens. Os relatos apontam que é justamente em torno das práticas de lazer e relações de amizade que se apresenta uma participação mais ativa desses jovens na igreja (ANDRADE, 2005; NOVAES, 2012; FARIAS, 2013).

Em seus diários, Fred descreve, dentre as atividades religiosas, a que ele prefere: a participação nas células⁴. Para ele, as células são momentos de socialização com um grupo de amigos, que se reúnem nas casas dos fiéis. Ainda que seja um momento de oração e leitura da Bíblia, a célula acaba sendo um encontro menos formal do que o culto. No final, eles conversam e saem para lancha. Desta forma, ao mesmo tempo em que se estende o compromisso com a igreja, para além deste espaço, também acaba se efetivando uma prática de lazer.

Na igreja que eu vou existem células, e são feitas nas casas das pessoas que participam, mas visitantes podem ir também sem compromisso. Eu até gosto de ir nas células porque acho mais maneiro que ficar no banco da igreja ouvindo o pastor direto (...). (Fred, diário).

Ontem eu fui na célula da igreja que foi na casa de uma colega minha. Estou indo pouco na igreja, mas eu vou mais mesmo é na célula, porque eu saio cedo do colegio e vou direto pra lá. E também eu gosto bem mais da célula do que aqueles cultos que tem na própria igreja. (Fred, diário).

Para Mellysse, participar do grupo das Mensageiras do Rei sempre foi visto como uma prática de lazer, principalmente na infância, além de um compromisso com a igreja. Como o grupo é dividido por faixa etária, ela acaba se restringindo às amigas desse segmento e interagindo sobre questões de interesses próximos. Ser uma Mensageira do Rei envolve a participação em acampamentos religiosos e congressos com música e dança.

Porque Deus quer que dancemos na presença dele e com ele. Pois a Bíblia, que é a Sua palavra, nos relata em vários livros sobre a vontade do Pai em relação à dança. As ‘conselheiras’ falam que devemos adorar a Deus com todo o nosso corpo e

mente, mas sempre em santidade. (Mellysse, entrevista). Para ser uma mensageira é preciso seguir 5 ideais: 1º Viverei em Cristo pela oração, 2º Crescerei em sabedoria pelo estudo da Bíblia, 3º Reconhecerei a minha maldade, 4º Enfeitarei-me com boas obras, 5º Aceitarei a responsabilidade da grande comissão. (Mellysse, diário).

Entretanto, para participar do grupo das Mensageiras do Rei, são exigidas a frequência, as participações nos cultos e nos encontros, e ainda o rompimento com determinadas práticas “mundanas”. Além das orientações que recebem dos líderes religiosos, como frequência e desempenho escolar, ser uma “boa” filha etc. A participação religiosa dos jovens implica que estes assumam o compromisso dentro das igrejas, passando a ter uma maior relação de socialização com os outros jovens também pertencentes aos grupos religiosos.

Os relatos apontam que à medida que os laços de amizade com os jovens da igreja ficam fortes, intensificam-se também os compromissos com a instrução. Através desse convívio, as mudanças vão acontecendo aos poucos, na forma de falar, de entender os acontecimentos a sua volta, se estendendo para as relações sociais do dia a dia, como a escola, o trabalho e principalmente o lazer. Novos sentidos e significados vão se construindo e transformando a “visão de mundo” destes jovens. Principalmente dentro dos grupos, eles experimentam um novo processo de socialização. A partir da “conversão” religiosa, as mudanças vivenciadas se assemelham e eles passam a compartilhar da mesma “visão de mundo”.

Os jovens entrevistados vivenciam um tempo marcado pelas emoções, como o medo, a ansiedade, a surpresa, o namoro, a felicidade. Muitos desses sentimentos são compartilhados entre os pares, os chamados amigos (SALVA, 2008). Nas narrativas, a amizade aparece de diversas maneiras: na preocupação com o amigo que está se desviando da igreja, na tristeza em saber que um amigo se envolveu com o tráfico, na felicidade de fazer parte de um grupo de amigos, poder confiar neles, a importância

dos laços de amizade, quando se está chateado ou a aflição por ter brigado com o amigo:

Hoje estou triste porque briguei com minha amiga no colégio. (Mellysse, entrevista).

Minha avó não me entende, aí preciso das minhas amigas. (Alejandro, diário).

O que mais curto na minha vida: meus amigos, e não posso curtir coisas mundanas como balada, balada de funk. (Mellysse, entrevista).

Alguns jovens relataram o apoio dos amigos em alguns momentos considerados difíceis das suas vidas, assim como as decepções, por exemplo, quando se descobre que um amigo de infância está envolvido com tráfico de drogas e parou de estudar. Como as falas a seguir:

Quando minha mãe ficou doente, minhas amigas iam todos os dias lá em casa, aí, quando ela morreu, dormiram aqui comigo, e também orávamos juntas. (Mellysse, entrevista).

Quando fiquei grávida da T. contei só para minhas amigas, minha mãe não sabia que eu não era mais virgem; lá em casa não podia falar sobre namoro e tal, minha mãe é muito careta, mas ela já mudou. (Thayla, entrevista).

Fico chateado, sabe, quando vejo um colega de infância no tráfico. Poxa, a gente cresceu junto. (Fred, entrevista).

Nesse sentido os jovens mencionam ainda como o vínculo com os amigos da igreja é fundamental na superação das dificuldades, no enfrentamento dos problemas e dos sofrimentos. Desta forma, configura-se uma rede de solidariedade e apoio que acaba por intervir na maneira de encarar as dificuldades (BURITY, 1989). Como relatado por eles:

Eu tenho muitos amigos de confiança, a amizade é muito importante, quando minha avó morreu eles foram muito importantes. (Mellysse, entrevista).

Para os jovens, as novas práticas sociais e, principalmente, os testemunhos sobre as mudanças em suas vidas podem demonstrar, perante os antigos

amigos, sua “nova vida” como um exemplo a ser seguido.

Foi assim que minha namorada começou a ir comigo na igreja, ela não era convertida, mas ela ouvia eu falar dos amigos da igreja, das células, e de querer estar sempre lá, que ela sentiu vontade de conhecer e gostou. (Fred, diário).

Assim, o testemunho, principalmente dos jovens, funciona como uma “tática” para a igreja e também amigos não evangélicos, como forma de relatar as mudanças positivas que aconteceram em suas vidas a partir da “conversão”. Entretanto, o processo de “afastamento” para os jovens se dá de forma mais delicada, em relação aos espaços escolares, onde estes estão em contato com outros jovens e nem sempre evangélicos. Mesmo que um jovem mantenha-se afastado dos jovens não evangélicos, não se pode evitar a proximidade e nem tampouco as relações sociais.

Na minha sala de aula apenas eu sou cristã. Tem até uma lá que é desviada, mas só isso. Tem uns que falam que são católicos, mas não frequentam, às vezes até riem de mim por ser evangélica, mas eu nem ligo. (Mellysse, entrevista).

Eu até me afastei dos amigos não evangélicos. No início foi fácil porque a maioria já era evangélico, mas quando fui para o Liceu, conheci novos amigos e a maioria não era evangélico ou era desviado, e eu passava mais tempo com eles do que com os amigos da igreja, já que eu estudava à tarde e de manhã trabalhava. (Alejandro, entrevista).

É muito difícil se afastar dos amigos de infância, mesmo que eles estejam no caminho errado. Alguns eu até consegui, mas mesmo sabendo que estão errados, alguns são parceiros mesmo que nem irmão e até respeitam a minha fé, fazem umas piadas quando jogamos bola, mas (...). (Fred, diário).

Os jovens passam grande parte do seu dia na escola. Os espaços do pátio, dos corredores, da sala de aula possibilitam a materialização de sua convivência rotineira (DAYRELL, 1999). Algumas atividades como trabalhos em grupo, danças, teatro, festas comemorativas e temáticas, como festa junina,

possibilitam que esses jovens notem a escola como um lugar de diversão e não somente de obrigações (VILAS, 2009).

A escola é vista como um espaço de “intensificação e abertura de novos amigos, portanto, caminho privilegiado para a ampliação da experiência de vida dos jovens.” (SPOSITO, 2005, p. 90), “como uma instância fundamental à rede de sociabilidades dos jovens” (VILAS, 2009, p. 36). Sendo a sociabilidade uma das formas de os indivíduos estabelecerem relações através da amizade (SIMMEL, 1983).

A sociabilidade é vista como uma forma autônoma e lúdica de sociação, não visando um objetivo ou a busca de resultados concretos, cujo fim é na própria relação, a satisfação de estar junto. (SIMMEL, 1983, p.169).

Além de um espaço de sociabilidade, a escola também é considerada como um caminho que possibilitará uma melhor inserção no mercado de trabalho, “ser alguém na vida” e melhorar suas condições financeiras:

Penso que se eu estudar, minha vida vai ser mil maravilhas, entendeu? Meu emprego, minha casa, trabalhar na área de informática, na Petrobrás, ou obstetra. (Mellysse, entrevista). Poxa, já fiz o técnico E, mas não fiz o estágio para conseguir o CREA, e agora estou no pré-vestibular, quero tentar engenharia civil aqui na UENF, e no IFF também. (Fred, entrevista).

Alguns amigos da escola também frequentam as mesmas atividades em igrejas evangélicas em Campos dos Goytacazes.

Com minhas amigas da igreja, do grupo Mensageiras do Rei, sempre fazemos algo fora da igreja, a gente sai para lanchar, ver filme até de madrugada, jogar queimado. Meu tio não deixa eu sair com as meninas do colégio porque elas vão em boates. (Mellysse, diário).

A gente sempre marca alguma coisa depois do culto, e também fins de semana, vamos ao shopping e quando tá sol na lagoa de cima, tomar banho. (Alejandro, entrevista).

O pessoal da igreja marca sempre um futebol e depois um

churrasco. Aí tem uns amigos que não são da igreja, mas eles respeitam. Aí não tem cerveja, essas coisas E. (Fred, entrevista).
O retiro de carnaval foi muito bom, maravilhoso, eu e minhas amigas curtimos muito, é muita diversão. (Mellysse, diário).

Entretanto a pesquisa identificou que as escolas que os jovens frequentam ou frequentaram estão localizadas dentro das favelas ou em seu entorno. Segundo os jovens, antes de uma escolha por estudar nesses colégios, há o receio de estudar em outros colégios localizados em outros bairros, principalmente por causa da rivalidade entre as duas facções existentes na cidade de Campos dos Goytacazes. Estas também estão presentes dentro dos colégios. Frequentar um colégio localizado próximo a outras favelas implicaria riscos e incertezas.

Desta forma, os jovens relatam sobre as restrições de circulação na cidade pela territorialidade do tráfico e a imprevisibilidade dos acontecimentos. Portanto é relevante ressaltar principalmente que a cidade é vista pelos jovens como um espaço de sociabilidade, no entanto eles não possuem uma livre circulação por conta das facções, neste sentido eles acabam se restringindo aos espaços próximos de moradia, que são marcados pela precariedade e carência de espaços de lazer. Esta realidade é observada nos seus relatos juntamente com as nossas impressões pela cidade ao observar as marcações das facções espalhadas pelos bairros.

Deste modo, para os jovens, o fortalecimento dos laços com os grupos de amigos da igreja e suas práticas de lazer acabam se reduzindo às práticas religiosas. Através dos amigos da igreja eles ampliam as possibilidades de mobilidade territorial, junto aos amigos frequentam os shoppings da cidade e as praias. Cabe ressaltar que, segundo eles, a cidade de Campos dos Goytacazes oferece poucas opções de lazer, principalmente em seus bairros. Eles afirmam que há uma precariedade de quadras esportivas, praças etc. e quando há quadras equipadas estas ficam fechadas. Como afirma Thayla, a quadra construída na proximidade da favela Tira-Gosto foi fechada pela Prefeitura porque estavam usando o espaço para

realizar bailes *funk*.

O medo por morar em favela é uma constante na vida destes jovens. Além das narrativas sobre suas vidas, dramas familiares, as preocupações com os filhos, com o futuro, trabalho e estudo, eles também revelam suas preocupações em relação a suas moradias, entendidas como um “lugar perigoso”. Ressaltam os receios por morar em favelas de Campos dos Goytacazes, como o medo de circular pela favela e pela cidade. Afirmam que seus locais de moradia (as favelas) são marcados por incertezas cotidianas.

Poxa, tenho medo de ser confundido, né? Sou menino, é mais fácil de a polícia e o bandido também me confundir com outro bandido, por isso eu ando com atenção, ouço as músicas que eles ouvem, fico atento. (Fred, entrevista).

Quando eu volto da escola, às vezes quando eu não passo por dentro da UENF, eu passo numa rua que é do lado da UENF mesmo. Por essa rua eu passo pela portelinha, mas eu passo não com muito medo, mas também nada tranquilo, ainda mais quando tem algum carro ou moto parado no caminho. Pra passar por essa rua eu tenho tipo um macete, eu ligo uma música no meu celular, músicas do Racionais porque eles escutam músicas desse tipo, aí eu fazendo isso eu me sinto com menos medo de tipo alguém me parar, porque eu moro perto mas não são todas as pessoas que me conhecem, nem eu mesmo conheço todos que moram ali, tem pessoas que eu nunca vi. (Fred, diário).

Os jovens escrevem muito sobre as peculiaridades de seus lugares de moradia. Demonstram o receio de frequentar lugares por eles considerados não familiares e “inseguros”, por identificar, nesses, lógicas e códigos de controle de bandos de traficantes presentes em favelas, que buscam imprimir as suas marcas em áreas contíguas da cidade. Dizem ter medo de ser identificados por moradores de outras favelas como “inimigos”, por morar em uma localidade controlada por um grupo de traficantes considerado rival e que disputa o controle de territórios na cidade.

Eu não vou pro lado de lá, só se eu precisar muito de ir ao

hospital e com a minha mãe. (Mulher, 16 anos).

Olha, tem lugares na cidade que eu não posso ir, tenho medo de verdade porque eu sei que muitas pessoas da minha favela apanharam porque foi na festa fantasia na Pecuária. (Fred, entrevista).

Mencionam outros lugares da cidade que evitam frequentar. Destacam as situações singulares em Campos dos Goytacazes, advindas das duas facções inimigas que dividem a cidade em lado A e lado B. Esta particularidade da cidade é descrita por todos os jovens, principalmente por Fred, que expõe a questão da existência de fronteiras simbólicas na cidade, e não somente entre as favelas. O impedimento de frequentar algum lugar de Campos dos Goytacazes, além de ser entendido e evitado pelos jovens, também é fortemente influenciado pela família.

Segundo eles, não há liberdade em andar pela favela, entre os becos, principalmente à noite, e também pela cidade. Há sempre o medo de ser confundido com um traficante pela polícia, e de policial disfarçado por algum traficante, principalmente quando meninos. Faz parte do cotidiano criarem estratégias para andar “livremente” pela favela. Mas confessam que ficam receosos. Fred destaca que o medo se intensificou com a vinda do conjunto habitacional Matadouro para dentro da favela, o tráfico de drogas se tornou mais forte. Segundo ele, o tráfico sempre esteve presente nesta localidade, mas, com a construção do conjunto habitacional Matadouro, se tornou mais visível e passou a haver conflitos entre policiais e bandidos, o que não existia anteriormente, quando o tráfico se restringia à favela,

Lá só havia mesmo um local que vendia a droga, sem muita movimentação. (Fred, entrevista).

Hoje minha mãe me falou que logo depois que eu cheguei em casa rolou uns tiros na portelinha e acertaram um cara, e que graças a Deus eu tinha chegado antes disso acontecer. (Fred, diário).

E hoje eu fui na igreja de manhã, e quando deu a hora de vir embora, um colega que mora aqui perto de mim veio falou que ia vir aqui em casa, tudo bem e a gente vindo, passamos na

casa dele primeiro e depois viemos pra cá. Logo assim que a gente passa e chega na minha casa, agente ficou sabendo que tinham matado um cara na frente da casa desse colega que veio aqui em casa. A gente ficou assustado, né? Pô, tínhamos acabado de passar pelo lugar e, minutos depois, ficamos sabendo disso. Pelo menos a gente não presenciou a cena. (Fred, diário).

Durante a pesquisa, ao passar por vários lugares da cidade identificamos pichações das siglas ADA – Amigos dos Amigos e TCP – Terceiro Comando Puro, referentes ao tráfico em muros e fachadas de instituições, tal como aquelas presentes nas favelas. Assim, como nas praias Farol de São Tomé, em Campos dos Goytacazes, e Grussaí e Atafona, no município vizinho de São João da Barra, para os jovens, essas marcações indicam fronteiras e são conhecidas por alguns moradores e não moradores das favelas. Esse fato é relatado da seguinte forma:

Eu e meu amigo e meu irmão estávamos na praia de Atafona, e não sabíamos que ali era da ADA. Depois a gente viu o muro pintado. Aí vimos que estávamos em território proibido, mas ficamos de boa, mas fomos reconhecidos por outros meninos nem sei como. Eles falaram que aquele pedaço da praia era lado deles, e correram atrás da gente, mas a gente conseguiu chegar ao asfalto e tinha muita gente porque era verão. (Fred, entrevista).

Esta divisão é marcada pelo canal Campos-Macaé (beira-valão), próximo do centro da cidade e do mercado municipal, que corta a cidade de Campos dos Goytacazes, separando dois lugares de constantes relações sociais. O centro da cidade é considerado o lado A, e a Fundação Rural de Campos (lado B), local onde acontece grande parte das festas da cidade (MESQUITA, 2009). Segundo os entrevistados algumas instituições importantes como o Hospital Ferreira Machado e o Cemitério do Caju, pela proximidade da favela Baleeira, são evitadas pelos moradores de outras localidades como as da favela Tira-Gosto e Matadouro, ou favelas consideradas ligadas à facção TCP. O centro da cidade é evitado

pelos moradores da Baleeira, por exemplo, e as favelas ligadas à facção ADA. Tal como as situações identificadas por Mesquita (2009), os jovens entrevistados afirmam que essas instituições demarcam espaços que são permitidos e espaços que não são permitidos. Os moradores da favela Tira-Gosto não frequentam (ou evitam) o Hospital Ferreira Machado e o Cemitério do Caju e quando o fazem usam estratégias como omitir o local de moradia. O mesmo acontece com os moradores da Baleeira ao circular pelo centro da cidade.

Na Portelinha está perigoso, tem tráfico, tem baile todo domingo e ficam falando TCP o tempo todo e cantam músicas falando da favela Tira-Gosto, que vão invadir a Baleeira, eu tenho medo de ir do outro lado da cidade, perto do cemitério. (Thayla, entrevista).

Os jovens têm igual preocupação com seus familiares e amigos moradores de outras favelas e localidades próximas a essas.

Minha tia não mora em favela, e também tenho amigos que não moram, mas eles não vão à Pecuária, porque moram no bairro próximo da favela Matadouro. (Fred, entrevista).

Cara, os amigos do meu irmão são doidos, eles tiram foto fazendo gestos com a mão do símbolo do TCP, e eles nem moram na favela, e meu irmão vai junto e coloca no facebook, eles são doidos, eles falam que são TCP porque moram (...). (Fred, entrevista).

Em um cotidiano fortemente marcado pela insegurança, esses jovens estabelecem estratégias de enfrentamento das situações de vulnerabilidade, especialmente quando frequentam instituições e serviços públicos localizados em áreas consideradas inseguras na cidade.

Eu vou, mas nunca falo onde moro. (Alejandro, 16 anos).
Só vou ao Ferreira Machado quando não tem outro jeito, quando minhas filhas estão muito doentes. Tenho medo de eu ou meu esposo sermos reconhecidos, até porque ele já aprontou muito, ou de lembrarem de mim da época que eu era do mundo.

(Thayla, entrevista).

Nessas situações, os jovens muitas vezes se valem da companhia de amigos evangélicos e outro moradores considerados “pessoas próximas”, compartilhando as vicissitudes cotidianas para além do espaço da igreja e encontram nessas redes de apoio material e espiritual que traçam, um determinado modo de vida de alguns evangélicos presentes nas favelas de Campos dos Goytacazes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns autores de antropologia e sociologia da religião no Brasil têm abordado a temática do crescimento das igrejas evangélicas, especialmente as pentecostais, nas últimas décadas, no Brasil, e sua relação com a espacialidade urbana (ALMEIDA, 2009; MAFRA; ALMEIDA, 2009; MESQUITA, 2008, 2009; CUNHA, 2014). Nesse sentido, a cidade pode ser considerada como estratégica para pensar como as práticas religiosas a constroem e são construídas, um território multidimensional de vivências humanas, que desenha paisagens relacionadas com os desejos, os sonhos e possibilidades materiais. Espaço que pode ser modificado em busca destes objetivos.

A pergunta inicial – como esses jovens favelados narram as suas vivências cotidianas a partir das suas experiências religiosas – norteou cada passo da pesquisa. Por meio dos relatos sobre essas experiências religiosas, identificamos que a participação religiosa interfere em suas práticas e vivências cotidianas. Ser evangélico é muito mais que uma categoria, é uma “nova forma de vida” onde a religiosidade funciona como uma distinção moral frente aos jovens não evangélicos. Os vínculos religiosos implicam mudanças no seu modo de vida, estabelecendo a separação entre o que é permitido, evitado e não permitido. A partir da “conversão” eles se tornam evangélicos, desta forma estes jovens “estão” na favela de forma diferenciada frente às singularidades deste local em relação aos moradores não evangélicos.

Assim, além de atenuar o estigma de ser jovem evangélico morador de favela, afastando-o simbolicamente do campo da marginalidade e do crime (BERTOLI, 2010), ser evangélico permite através dos vínculos religiosos que estes estabeleçam novas redes de sociabilidade, que permitem o enfrentamento dos problemas de “ser jovem morador de favela” como: violência, medo, ausência de espaço de lazer etc. Ser evangélico dentro da favela não é apenas estar em uma denominação religiosa e sim partilhar um estilo de sociabilidade que difere dos demais.

Ao examinar os diários e as entrevistas dos jovens evangélicos moradores das favelas – Baleeira, Matadouro, São Matheus e Tira-Gosto – situadas na cidade de Campos dos Goytacazes foi possível perceber que as suas vivências são marcadas pelo medo, insegurança e pobreza. Muitas das situações são ressignificadas a partir do vínculo religioso, presente na localidade de moradia e em outros territórios da cidade. Logo, as interações religiosas se fazem presentes no espaço escolar e em pontos de encontros de lazer na cidade. A partir do momento que esses jovens se afastam das práticas “mundanas”, através do pertencimento religioso, este influencia na construção de um estilo de vida, uma vez que as redes de sociabilidade promovidas pelos grupos de religiosos fortalecem a condição de “ser jovem” e as possibilidades de mobilidade na cidade.

As igrejas acabam se tornando um espaço expressivo, a partir do momento em que interferem nas suas práticas. Como analisado, os espaços religiosos aparecem como uma opção de lazer para eles. É uma forma de conciliar o “sagrado” com o lazer, como se as necessidades fossem suprimidas ou atenuadas. No caso específico dos jovens pesquisados, por serem moradores de favelas, as igrejas evangélicas aparecem deste modo, como o lugar capaz de dar sentido e conforto, “resolvendo” os problemas e as dificuldades pessoais, e também como mais um espaço de sociabilidade. A questão da filiação para eles não é mais importante do que a religiosidade. Assim como alguns estudos mostram, também notamos, através das visitas aos cultos,

juntamente com os jovens, que os vínculos institucionais estão perdendo espaço para a religiosidade individual.

Assim, os jovens passam a circular mais pela cidade, em eventos religiosos, acampamentos, praia, cinema etc. Entretanto, algumas barreiras simbólicas continuam a existir. O vínculo religioso não é capaz de contornar todos os “perigos” a que estão expostos na circulação pela cidade. Os jovens relataram, nos diários e nas entrevistas, os limites de circulação no espaço público e também no acesso às instituições públicas, como o hospital. Os limites são vistos como uma fronteira simbólica que existe através de uma imposição das facções nas favelas de Campos dos Goytacazes, a ADA e o TCP. O medo desses jovens consiste nos recorrentes casos de moradores que sofrem retaliações e são vítimas, ao ultrapassar as fronteiras demarcadas pelos traficantes. Esse sentimento de insegurança também atinge os seus familiares, que cotidianamente estabelecem orientações sobre onde “ir e como andar na cidade”.

Para os jovens evangélicos moradores das favelas de Campos dos Goytacazes o medo é o sentimento que orienta seu dia a dia, suas ações e possibilidades: medo de sair de casa, de estar em algum lugar na hora errada, de ser confundido pela polícia, como traficante, pelo traficante, como P2⁵ ou X9 e medo de tomar um tiro. Estes são apenas alguns dos pontos expostos sobre as dificuldades de circular livremente por Campos dos Goytacazes. Antes de uma condição social, é uma condição do “medo” de atravessar “fronteiras”.

Deveria se esperar que por serem evangélicos os jovens seguissem uma rigorosa moral nas práticas do dia a dia; entretanto, uma característica do neopentecostalismo à qual estas igrejas se inserem é o “afrouxamento” no rigor religioso. Ao produzir novos espaços de sociabilidades, a igreja estabelece limites a determinadas práticas sociais, entendidas por eles, como frequentar bares, show; estes não a abandonam, e sim as reinterpretam de acordo com a compreensão religiosa. Assim como outros estudos mostram (ANDRADE, 2005; NOVAES, 2012), essas

igrejas diferem das tradicionais, inclusive porque o “convertido” se sente como tal, não necessariamente havendo uma marcação exterior e, sim, muito mais subjetiva, marcada pelo seu modo de pensar, de ser e de interpretar sua vida. Por meio das narrativas, foram percebidas as especificidades de cada um, reforçando o entendimento da juventude como uma categoria não homogênea (BOURDIEU, 1983). Os dados indicam que a trajetória de vida desses jovens moradores de favelas é marcada por semelhanças e diferenças significativas. Através das afinidades, do modo de vida em comum, das mesmas estratégias para enfrentar o dia a dia frente aos problemas relacionados ao local de moradia, da relativa aproximação. Considerando as condições de vida e o lugar de moradia, eles se assemelham, no entanto suas vivências e seus modos de vida mostram-se marcadamente individuais.

NOTAS EXPLICATIVAS:

¹ Campos dos Goytacazes é a principal cidade da região Norte Fluminense e é a maior do estado do Rio de Janeiro em extensão. Sua população segundo o Censo do IBGE, em 2010, duplicou em quase 50 anos; hoje Campos dos Goytacazes tem aproximadamente 500.000 habitantes e sofria, de acordo com a Fundação João Pinheiro (FJP), em 2000, um déficit habitacional de 1.822 domicílios, com famílias de renda de até dois salários mínimos. Segundo o Censo de 2000 Campos dos Goytacazes tinha identificadas 32 favelas na cidade (PESSANHA, 2001), com um total de 16.876 moradores. No Censo de 2010 o número de favelas diminuiu para 27, com 15.777. Mesquita (2013) indica que esta diminuição pode ser associada à implantação de programas de saúde pública e políticas habitacionais em alguns bairros pelo atual governo municipal (2009-2012 e 2013-2016).

² Pesquisa Pronex *Juventude, desigualdades e o futuro do Rio de Janeiro*, coordenada por Adalberto Cardoso (IESP-UERJ). O projeto pretende oferecer um diagnóstico abrangente da situação dos jovens no Estado do Rio de Janeiro, utilizando pesquisas quantitativas e qualitativas nas regiões Norte, Sul e Metropolitana do Estado, envolvendo pesquisadores de 5 instituições de ensino e pesquisa e 15 pesquisadores. Visa analisar as condições estruturais de reprodução dos jovens, seus projetos de vida, sua sociabilidade e padrões culturais, a violência e a entrada na vida adulta.

³ O termo juventude implica em uma pluralidade referindo-se à(s) juventude(s), um grupo social que pode ser categorizado a

partir de diferentes variáveis (demográficas, econômicas, culturais, etc.). O jovem não pode ser caracterizado como uma categoria única e fixa (BOURDIEU, 1983). Estudiosos ressaltam que a juventude não forma um grupo coeso e singular, “... compreender a juventude como uma complexidade variável, que se distingue por suas muitas maneiras de existir nos diferentes tempos e espaços sociais”. (CARRANO, 2000, p. 12). Logo, os jovens não podem ser vistos como uma classe social ou grupo homogêneo, as características dos jovens estão sempre em construção, é uma categoria sem atributos pré-definidos, elas mudam de sociedade para sociedade e na mesma sociedade (ABRAMO, 1997; CARRARO, 2000).

⁴ Célula é um grupo de pessoas que se reúne semanalmente nas casas dos fiéis para orar.

⁵ P2 é o Policial sem farda trabalhando disfarçado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, A. M. dos S. *Surfistas de Cristo: um estudo da sociabilidade juvenil*. 2005. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5-6, 1997.
- ALMEIDA, R. Pluralismo religioso e espaço metropolitano. In: Mafra, C.; Almeida, R. (Org.). *Religiões e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Terceiro Nome, 2009. p. 29-50.
- BERTOLI, N. de F. *Percepções e vivências religiosas dos jovens moradores de favelas de Campos dos Goytacazes/RJ*. 2010. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes.
- BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BURITY, J. A. *Os Protestantes e a Revolução Brasileira, 1961-1964: A Conferência do Nordeste*. 1989. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- CARRANO, P. C. R. Juventudes: as identidades são múltiplas. *Movimento: Revista da Faculdade de Educação da UFF*, Niterói, n. 1, maio 2000.
- CUNHA, C. V. Religião e criminalidade: traficantes e evangélicos entre os anos 1980 e 2000 nas favelas cariocas. *Religião e Sociedade*, v. 34, n.1, p. 61-93, 2014.
- DAYRELL, J. Juventude, grupos de estilo e identidade. *Educação em Revista*, n. 30, p. 25-39, dez. 1999.
- FARIAS, C. L. *Música gospel e sociabilidades juvenis: modos de relação com o religioso entre os evangélicos*. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos

- Goytacazes.
- MAFRA, C.; ALMEIDA, R.. *Religiões e cidades*: Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2009.
- MARIANO, R. *Crescimento Pentecostal no Brasil*: fatores internos. *Revista de Estudos da Religião*. 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf>. Acesso em: 28 maio 2010.
- _____. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, p. 121-138, 2004.
- MESQUITA, W. A. B. Os pentecostais e a vida em favela no Rio de Janeiro: a batalha espiritual na ordem violenta na periferia de Campos dos Goytacazes. *Estudos de Religião*, v. 23, n. 37, 89-103, jul./dez. 2009.
- _____. *Percepções e estratégias de ação dos pentecostais moradores de favelas de Campos dos Goytacazes*. Edital Universal CNPq /2008.
- _____. Religiosidade pentecostal e ordem violenta em favelas na cidade de Campos dos Goytacazes. In: CUNHA, N. V.; FELTRAN, G. S. (Org.). *Sobre periferias*: novos conflitos no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Lamparina, 2013.
- NOVAES, R. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (Org.). *Culturas jovens*: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. P. 105-120.
- _____. Juventude, religião e espaço público: exemplos “bons para pensar” tempos e sinais. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 184-208, 2012.
- OLIVEIRA, J. C. P. de; PEDLOWSKI, M. A. Estado e programas municipais de habitação popular em Campos dos Goytacazes (RJ). *Análise Social*, Lisboa, n. 204, jul. 2012. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_204_d04.pdf>. Acesso em: 20 out. 2013.
- PANDOLFI, D. C.; GRYSZPAN, M. (Org.). *A favela fala*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- PESSANHA, R. M. (Coord.). *Favelas/Comunidades de Baixa Renda no Município de Campos dos Goytacazes. Observatório Socioeconômico da Região Norte Fluminense*, Campos dos Goytacazes, n. 5, ago. 2001.
- SALVA, S. *Narrativas da Vivência Juvenil Feminina*: histórias e poéticas produzidas por jovens de periferia urbana de Porto Alegre. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- SIMMEL, G. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- SPOSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In ABRAMO, H.; BRANCO, P. P. (Org.). *Retratos da juventude brasileira*: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto da Cidadania/Fundação Perseu Abramo, p. 129-148, 2005.
- VALLADARES, L. P. *A invenção da favela*: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- _____. A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 15, n. 44, 2000.
- VILLAS, S. *Formas de sociabilidade entre alunos de uma escola de ensino médio/técnico*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- ZALUAR, A.; ALVITO, M. (Org.). *Um Século de Favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.